

A figura e a obra em julgamento público

Dom. 23/2/86

por Augusto de Jesus (texto)

A passagem do cinquentenário natalício do artista plástico Malangatana, que se assinala a 6 de Junho próximo, é motivo para uma movimentação cultural de vulto a preparar-se em Maputo. Precisamente a 6 de Junho, como que o ponto mais alto desse mesmo movimento, uma exposição retrospectiva — a maior de sempre do autor — com cerca de 150 óleos, uma centena de desenhos, cerâmicas, gravuras, tapeçarias e bordados. Uma oportunidade que se nos é dada para conhecer mais profundamente a obra do grande artista moçambicano, o seu desenvolvimento e transformações ao longo da carreira, quem é, o que foi e para onde vai.

aprendo mesmo com aqueles que julgam que eu os estou a ensinar. Não tenho receio de dizer isso, aprendo com todos, toda a gente tem coisas a dar...».

«Quem me vê cantar e brincar pensa que sou feliz e que sempre fui feliz. O que acontece é que sempre vivi pobre de bons materiais, mas rico em termos humanos.».

O JULGAMENTO

Para lá da exposição retrospectiva que só terá lugar em Junho, antes outras realizações terão lu-

Fazer uma exposição de um artista como Malangatana ultrapassa o simples facto de se juntar estas ou aquelas peças e expô-las ao público; apreciar uma (esta) exposição do artista é mais que dirigir os olhos dos nossos olhos e pensamento às suas obras, na contemplação momentânea de uma peça exposta no presente que se vive.

A retrospectiva de Malangatana é mais do que mostrar a trajectória artística de um pintor, é reflexão de um espaço-tempo de vida fixado na matéria, a história — mais do que a de um pintor — de um homem que não sabe contar «a minha história, mas sim a nossa história».

Relembremos aqui as palavras proferidas em 1984 pelo pintor e professor da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa, Rodolfo de Nogueira, a propósito de Malangatana:

«A obra de Malangatana é o reflexo do País onde ele nasceu. O interesse da retrospectiva não é apenas mostrar a obra de um homem; é fazer notar como ela se desenvolveu em determinadas condições e quais as condições. E assim levar as pessoas a compreenderem que a Arte não está divorciada da Vida».

E porque «a Arte não está divorciada da Vida», encontraremos a Vida na retrospectiva do autor, do homem. Encontraremos um Malangatana no período das primeiras exposições em 1959/61, depois a prisão pela PIDE e a sua saída dela, a primeira ida a Lisboa, o período suízo e pós-Europa, o período pré-independência e independência, a sua vivência em Nampula e o renovar das possibilidades de um maior desenvolvimento.

A vida de Malangatana estará aí. Estará aí, também, a modos que latente, o Malangatana dos tempos de Matlane, quando ajudava a

sua mãe a apanhar «swirhukwan» (cogumelos), a mesma que a iria idolatrar por toda a vida; Malangatana na cidade de Lourenço Mar, que, servia em residências e

jado, um artista realizado (?) Ele é «o mais internacional» dos nossos artistas, pela sua casa, um verdadeiro «atelier», passa gente famosa que visita o nosso País,



Malangatana em pleno labor

clubes; Malangatana etecetra, etecetra. A vida marca a obra, a Arte, que é a própria vida.

O tempo correu muito de lá para cá. Tudo aquilo fez a nossa história, não a minha história; eu transponho essa raiva para os meus quadros, está nessas cores e nesses dentes aguçados.

Hoje, Malangatana é uma personalidade mundial, um homem via-

embaxadorés, altas individualidades. E Malangatana como se sentirá por ser uma pessoa famosa?

«Isso não me impede de fazer a pergunta que hoje faço e sempre continuei a fazer: quem sou, o que fui e para onde vou. Sinto-me satisfeito, mas não vaidoso, ao ponto de achar que estou feito. Isso obriga-me a pensar que tenho de fazer mais e melhor. Eu

gar, também integradas no mesmo movimento, sob a égide da SEC, com a colaboração de um grupo de trabalho, cuja responsabilidade está a cargo de Eugénio Lemos, Director do Museu de Arte.

Dentre essas realizações que terão lugar durante todo o semestre e que se encontram a ser preparadas detalhadamente, contam-se a projecção de filmes sobre arte, sessões de dança, recitais de poesia, debates e outros.

E dentro deste movimento, por outro lado, estão, à presença, em Maputo, de várias personalidades do mundo da arte, nomeadamente o senegalês Iba Ndiaye, Director do Musée de l'Homme, de Paris, o professor tanzano, Elias Jengo, o arquitecto português «Panchos» Miranda Guedes e o crítico de arte, também português Rui Mário Gonçalves.

No entanto, à parte aquelas outras realizações, as atenções estão, obviamente, mais viradas para a exposição, o «julgamento», tal como a considera o próprio Malangatana:

«O artista deve ser posto em julgamento público. Eu não faço exposições individuais há muito tempo. Fiz uma em 1961 e outra em 1972, e esta última, de cerâmica e gravura, para justificar a primeira e a última bolsa de estudos que me foi concedida pela Fundação Calouste Gulbenkian. As restantes têm sido colectivas.».

«Eu quero, com esta retrospectiva, pagar todas as dívidas que tenho para com todos aqueles que me empurraram, em especial o Povo moçambicano. Desejo que ela seja uma verdadeira homenagem e agradecimento aos meus colegas e à família de sangue.».



O artista, no seu atelier, com vários miúdos do Bairro, alguns dos quais seus alunos de desenho e pintura, sobretudo nas manhãs de domingo